

# COMO ENCARAR A PROSTITUIÇÃO

Como encarar a prostituição, como encarar os agentes da prostituição? Para os mais simplistas trata-se de uma questão fácil de analisar ou, pelo contrário, ignoram os fundamentos da prostituição, procurando no comprimento de uma saia, na maquilhagem exagerada, em formas de trato mais extravagantes de uma mulher, uma tosca definição de «prostituta»; num bar com homens e mulheres que bebem cerveja ou qualquer outra bebida alcoólica, um «quadro de prostituição». Para outros, duas pessoas que dormem juntas sem terem assinado o contrato matrimonial, ou que simplesmente se passeiam em qualquer artéria de uma cidade em sítios menos bafejados pela luz eléctrica, também serão «casos de prostituição». É claro, como oportunisticamente convém, a «denúncia» destas «graves» situações é sempre feita com vários chavões que falam muito de corrupção, liberalismo, etc.

São casos em que a mentalidade pequeno-burguesa, o puritanismo, os preconceitos sociais e sexuais, a formação política de certos estratos sociais da sociedade interpretam os factos, sem que efectivamente se faça uma análise objectiva dos comportamentos das pessoas, sem que se faça uma análise, uma leitura política das situações.

A prostituição tem o seu fundamento na sociedade de classes, nas circunstâncias económicas, políticas, sociais e ideológicas engendradas por essa sociedade. Havia prostituição na Grécia Antiga, havia no período feudal, existe nos países capitalistas, existe nos países onde não as palavras, mas as condições políticas e ideológicas, as condições materiais, permitem que as pessoas tenham relações de dependência entre elas, quando não existem de facto novas relações entre as pessoas, onde não existem novos valores, nem condições e trabalho político que possibilite a formação de um homem novo.

O aspecto caricatural da prostituta na esquina ou no bar à espera de clientes é apenas uma pálida ilustração do que é a prostituição. Nas concepções burguesas de vida e relações sociais não é prostituta aquela que usa aliança, aquela que vai à missa, ou que perfilha os padrões de honestidade convencionados.

Também as relações entre as pessoas são eminentemente políticas.

O amor é um acto político. E quantos casais na prática sabem responder politicamente às solicitações quotidianas? Quantos não esquecem a política no escritório onde desempenham um «cargo de responsabilidade» ou na Sede do Grupo Dinamizador onde não faltam a qualquer reunião?

Para muitos, a política não entra na vida conjugal, nas relações entre as pessoas, ou por outras palavras, a política, a ideologia está presente, mas é a ideologia do inimigo, a ideologia reaccionária, exploradora e individualista. Por isso, não devemos pensar que, se acabarmos fisicamente com as prostitutas mais «visíveis» nos centros urbanos, acabamos com a prostituição.

A prostituição é inerente a um determinado sistema, onde são dominantes as relações de desigualdade entre as pessoas, onde a ideologia dominante permite que se forje a prostituição. Só eliminando as causas, as próximas e as remotas, se poderá eliminar a prostituição. O mesmo será dizer que só destruindo o sistema, a sociedade colonial-capitalista, só destruindo e eliminando a ideologia burguesa, acampamento inimigo nas nossas cabeças, só com a criação da SOCIEDADE NOVA, com a criação de fundamentos materiais e ideológicos que permitem a eliminação da exploração do homem pelo homem, a criação do HOMEM NOVO, se poderá eliminar a prostituição, FÍSICA E IDEOLOGICAMENTE.

Ao falarmos de REVOLUÇÃO no nosso País, queremos dizer que estamos empenhados na transformação radical da realidade que nos rodeia, herdada da sociedade tradicional, herdada do colonialismo e do capitalismo, uma transformação que afecte essencialmente o HOMEM, que integre TODOS os moçambicanos numa nova sociedade. É aí que nós vamos encontrar os chamados «marginais». Marginais de quê? As prostitutas, os ladrões, os assassinos, os vadios, os chamados «drogados» são fruto de quê? Porque é que eles são isto ou aquilo e não são, muito normalmente, João ou Maria, enfermeiro do hospital ou empregada bancária? Eles são efectivamente marginais da sociedade capitalista, e a nossa obrigação, a função da Revolução é integrá-los na sociedade, porque se a Revolução existe é para transformar o Homem.

No nosso país, falamos em novas concepções de justiça, de remodelação dos esquemas prisionais. No nosso país, falamos em reeducar o Homem. Serão os centros de reeducação que existem no actual momento os centros ideais de reeducação? Pensamos que não.

Onde existe o novo, existe o velho. Onde existe o bom, existe o mau. Quando iniciamos uma nova tarefa temos possibilidades de acertar, mas também de errar. A transformação é um processo dialéctico. Ao implementarmos o novo, avançamos sobre o velho. Mais concretamente, se existem erros, também temos capacidade para os analisar, para os superar. Não os reconhecer seria muito mais grave, e a prática tem demonstrado que estamos empenhados em eliminar efectivamente o velho, o mau, para implantarmos o novo. A contradição é, no entanto, permanente.

Por isso achamos importante fazer este apontamento.

FERNANDO LIMA